

GP. GP: RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS E KARDECISMO – GP 09

Delson Aguinaldo de Araújo Junior

Delsonjunior_bh@yahoo.com.br

Aluno de Graduação da Faculdade Asa de Brumadinho

Instituição Educacional Cecília Maria de Melo Barcelos

A ARTE DO CONGADO E MOÇAMBIQUE DO SAPÉ REPRESENTADO NO INSTITUTO CULTURAL INHOTIM

INTRODUÇÃO

O QUILOMBO DO SAPÉ

Quero falar do “quilombo” do Sapé. O assunto é muito grande, mal acabamos de enquadrá-lo em categorias e linhas gerais, já o vemos subdividir-se em múltiplas direções com abordagens até mesmo infinitas.

Entre as várias análises que poderíamos fazer em relação à Comunidade do Sapé, aprofundaremos nas raízes culturais e religiosas do mesmo.

A unidade de espaço estabelecida será a região do Sapé e Marinhos. Lembrando que Marinhos, falaremos em uma segunda estância.

E por fim abordaremos a unidade de ação através da percepção e perspectiva que o Sapé transmite para o outro através de suas raízes culturais expressas no congado, ações esta que influenciaram os artistas americanos a representá-los no segundo maior museu de arte contemporânea da América, o Instituto Cultural Inhotim.

Por fim trabalharemos com a influencia dos negros desta região na constituição da igreja do Sapé em especial a via sacra que é constituída por elementos negros.

A Comunidade do Sapé encontra-se na cidade de Brumadinho, cidade localizada na zona metalúrgica de Minas Gerais. A comunidade é conhecida como “quilombo” do Sapé, por ser constituída apenas por negros. Não tendo ligação com movimentos revoltosos no período escravistas, pois a comunidade se formou após a abolição.

A CIDADE DE BRUMADINHO E SEUS PRIMEIROS HABITANTES

A comunidade do Sapé está inserida na cidade de Brumadinho que remonta sua história na época das bandeiras no período colonial.

Segundo os irmãos Jardim (1982:17):

“Os vales do rio Pará, Paraopeba e das Velhas formavam, para os bandeirantes paulistas, o “sertão das conquistas” . Além das serras de Mantiqueira e Espinhaço.

Por curiosidade histórica, não acharam aqui, os bandeirantes, a sonhada serra das esmeraldas, fabuloso recanto natural que prometia incontáveis riquezas; mas em compensação, seus descendentes ficavam situados dentro de uma das regiões mais ricas do Quadrilátero Ferrífero” .

As bandeiras eram estimuladas pela coroa Portuguesa, que acreditava encontrar metais preciosos; A coroa fazia promessas de bens e honrarias aos seus bandeirantes, honrarias estas de títulos de nobreza.

O ouro, a prata e metais preciosos, junto com a necessidade de obrigar os índios ao trabalho forçado fizeram com que interesses comuns da monarquia e de particulares unissem para desbravar os sertões, dados baseados em FERREIRA (1960).

A perspectiva de encontrar ouro e prata nas regiões de Minas Gerais foi instigada e alimentada por lendas. Sendo que o contato entre brancos e índios sempre foi fundamental para embasar tais lendas. Segundo os irmãos Jardim (1982:18):

A fábula da existência de uma serra toda constituída de prata e que por isso mesmo brilhava, seria a tão falada serra resplandecente. Na linguagem dos índios seria a Itaberaba-aço, ou a montanha esplendente. (...) As descrições indígenas faziam supor que a serra, por ser resplandecente, continha principalmente prata.

O historiador franco em seu livro “História das minas de São Paulo” (1964) nos propõe a pensar que tais idéias embasadas em lendas indígenas da existência de serras cobertas por esmeraldas, levavam aos bandeirantes o grande objetivo de encontrá-las, sendo essas histórias um grande incentivo para esses bandeirantes ou talvez até mesmo o maior incentivo das conquistas dos sertões, acreditavam que a serra ficava na região entre Alto São Francisco, Rio Doce e Jequitinhonha.

Comparando este mito com o que o pesquisador Miran de Barros Latif nos traz, no qual fala que:

“A natureza brasileira também oferece embustes (...) prata, em tal abundância, aflorando pelas cumiadas das serras no Sabaraboçu, só podia ser o minério de ferro que, mais resistente à erosão, desenha a crista de inúmeros espigões da região das minas, em estado tão compacto e puro, que apresenta nas fraturas frescas o brilho argentino do aço. A grande diferença de aspecto entre este minério e a “pedra de ferro” muito escura, (...) dá origem a descrições, talvez sinceras de verdadeiras montanhas de prata. As pedras semi-preciosas verdes, típicas e tão abundantes no Sabaraboçu, por sua vez cria uma lenda da Serra das Esmeraldas” .

Observamos que, provavelmente o minério de ferro, com todo o seu brilho, em contato com o sol, levou os bandeirantes e índios a crerem que tais elementos fossem as tão desejada esmeralda. O que me levou a fazer essa retrospectiva ao tempo das bandeiras, e mostrar que a região onde situa, hoje, Brumadinho, no seu primeiro momento atraiu olhares de bandeirantes como Fernão Dias, que passou por estas terras em busca de esmeraldas tendo como referencial, lendas como as já citadas acima.

O DESBRAVADOR FERNÃO DIAS PAIS

D. Afonso VI, rei de Portugal e da colônia brasileira, dirigiu uma carta a Fernão Dias Pais, solicitando que empenhasse no descobrimento do ouro e das pedras de esmeralda e metais preciosos nos setores das Minas, embasado em Hernani Donato (s,d), observamos que as famas de Fernão Dias como sertanista era grande.

Segundo os já citados irmãos Jardim (1982:17),

Sete anos depois da primeira carta do rei, Fernão Dias recebe outra; esta do Governador Geral do Brasil, com elogios, promessas e incentivos para que prossiga no pesado encargo de montar uma expedição para a procura das esmeraldas, segundo desejo do soberano português.

No ano seguinte à segunda carta, 1672, foi nomeado “Governador das Minas e Esmeraldas” com plenos poderes para governar o sertão. Tudo na região chamada “Sertão das Minas” ficaria sob a sua jurisdição.

Os preparativos desta missão, segundo Hernani Donato, foram grandes, de um preparo minucioso. Havia muitos armeiros, flecheiros, ferreiros e muitos outros artífices para esse empreendimento. O preparo de confecção de roupas, armas e outros bens de consumo, gastaram anos. O grosso da missão era composto por um verdadeiro exército de índios civilizados que tinham um grande domínio nas regiões dos sertões. Para financiar esta missão, Fernão Dias vendeu parte de seus bens.

Em 1674, a bandeira de Fernão Dias partiu de São Paulo, chegando a percorrer durante sete anos os sertões de Minas Gerais.

Um ano antes da partida da bandeira de Fernão Dias, partiu uma leva tendo em sua administração como chefe Matias Cardoso de Almeida, sendo que esta comitiva tinha a missão de plantar e proporcionar provisões para alimentar a bandeira maior de Fernão Dias.

Sendo que estas plantações eram fundamentais para o sucesso da expedição. Através destas agriculturas, povoados foram formados como Roças Grandes.

A primeira leva é, 1673 foi chefiada por Matias Cardoso de Almeida contendo 125 homens, sendo 120 índios escravos. Em 1674, Bartolomeu da Cunha Gago partiu com seus 31

homens para as regiões que hoje é Minas Gerais. Em 21 de julho de 1674 parte a comitiva de Fernão Dias contendo 1241 homens, com apenas 40 brancos.

Nos relatos dos historiadores como Raimundo José da Cunha Matos, Diogo de Vasconcellos, Hernani Donato e os irmãos Jardim, não encontramos menção ao elemento feminino fazendo parte desta campanha, sendo que esta volante permaneceu no território que viria a ser Minas Gerais durante sete anos. Tempo suficiente para enlaçar com as índias locais, constituindo famílias e pequenos povoados.

A trajetória percorrida pela bandeira de Fernão Dias nas terras que viria a ser Minas Gerais é temas de debates entre os grandes pesquisadores deste tema, e não nos cabe aqui entrar em tal discussão. O que nos importa a título de curiosidade é que Fernão Dias passou nas imediações de Brumadinho, segundo Décio Lima Jardim e Márcio Cunha Jardim (1982:21), a partir da feitoria de São Pedro,

Deste ponto procuraria a bandeira o curso do Paraopeba, que corre a dois quilômetros de distância, margearia este rio à esquerda e o atravessaria no funil de baixo, tomando, então, o rumo leste e lançando logo adiante a feitoria de Piedade do Paraopeba. Daí tomaria o norte, galgando a Serra da Moeda nas proximidades dos Três Irmãos, passando depois pelas imediações de Betim, Lagoa Santa. (...) como vemos, Piedade do Paraopeba é um dos orgulhos do Município de Brumadinho, pois foi fundada como ponto de abastecimento da mais importante bandeira da História de Minas Gerais e talvez, do Brasil.

Analisando Eduardo Canabrava Barreiros (1979:56), quando diz:

Por onde teria passado? Se admitirmos que estavam em busca do Rio das Velhas (ou Guaicui), teríamos de aceitar que o buscassem através das passagens mais acessíveis. Perlustraríamos, certamente as velhas trilhas indígenas já percorridas por aqueles que os antecederam na formação das roças e feitorias (...) O caminho antes aventado, passado pelo Fecho do Funil, e correndo ao longo dos ribeirões Sarzedo e das Arrudas, seria velha e batida trilha indígena, por onde, século depois, se implantaria uma ferrovia, ligando Sabará a Brumadinho, passando ainda por Belo Horizonte.

Concluimos que os primeiros habitantes das regiões de Brumadinho e Paraopeba são remanescentes das Bandeiras de Fernão Dias e índios locais.

Sendo que os primeiros habitantes da região central de Minas Gerais foram os índios cataguases segundo estudos de Oiliam José (1965); tais índios estavam situados nos vales do Paraopeba e Rio das Velhas, sendo que dentro dos grupos dos índios cataguases havia um subgrupo que compunham os índios carijós que viviam nas nascentes do Paraopeba.

Segundo o professor mestre Antônio de Paiva Moura em publicação no Jornal Circuito Notícias em dezembro de 2006:

A região que constitui hoje o município de Brumadinho era propício à habitações sedentária dos indígenas: Abundância de frutos naturais para a coleta; abundância de peixes para a pesca, rica fauna para caça e terras próprias para culturas de gramíneas.

Conforme os irmãos jardins (1982:24):

Em consequência da bandeira, vários povoados foram fundados na região do Vale do Paraopeba e Vale do Rio das Velhas. (...)

Assim São José do Paraopeba, piedade do Paraopeba e Brumado do Paraopeba fazem parte da primeira fase da história da ocupação do território de Minas Gerais. De ponto de abastecimento de víveres, passaram a pequenos arraiais de mineradores. É absolutamente admissível supor que Piedade do Paraopeba tenha sido um centro maior de mineradores, porque não há outra maneira de explicar a suntuosidade de sua igreja, de seu altar muito bem trabalhado em madeira. Só um lugar que tivesse um número relativamente grande de moradores, e que ali houvesse renda suficiente, poderia propiciar a construção de uma tal igreja.

Sabemos que a bandeira de Fernão Dias foi infrutífera com relação ao encontro com o ouro e a esmeralda, mas foi através dessa bandeira que o caminho foi aberto para o descobrimento dos mesmos no século XVII, além disso, muitos povoados foram formados através desta bandeira de expedição.

A partir do século XVII o ouro foi encontrado nas Minas Gerais e com isto uma grande leva de imigrantes vieram para esta região e o povo logo começou a dispersar-se por todo o território que viria a ser Minas Gerais. Segundo os irmãos jardim (1982:26).

Foi nessa fase de dispersão do povoamento que o vale do Paraopeba foi definitivamente ocupado. É da época a fundação dos povoados históricos do município de Brumadinho, São José do Paraopeba, Aranha e Brumado do Paraopeba e a consolidação de Piedade do Paraopeba.

Portanto, a grande bandeira de Fernão Dias foi pioneira na exploração, iniciação e consolidação do território e povoamento das Minas Gerais, Contribuindo para que o ouro fosse descoberto no futuro de Minas Gerais, sendo que o nosso Vale do Paraopeba está inserido neste contexto histórico, onde percebemos o elemento do escravo negro desde os primórdios da história destas terras, e tal personagem nunca abandonou sua cultura e seus costumes, como veremos logo a seguir.

O ELEMENTO NEGRO DA HISTÓRIA DE BRUMADINHO

Pelas grandes imigrações que sofreram as Minas Gerais devido ao descobrimento do ouro, grandes levadas de escravos vieram para estas regiões, inclusive ao território que viria a ser Brumadinho.

Nos primórdios de sua história, o trabalho escravo foi fundamental na constituição deste território. O negro era tão essencial que havia nos territórios de Brumadinho, uma fazenda que apoiava sua economia no comércio de escravos. Esta fazenda localiza-se nas

proximidades de Marinhos, em Brumadinho. Na sua construção foram usadas mãos de obra escravista, sendo conhecida por Fazenda dos Martins.

Segundo relato do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, situado no livro dos irmãos Jardim (1982:38)

Um artigo publicado no jornal Estado de Minas, de 18/08/1976, sem indicação de autoria, afirma que a fazenda foi construída por um dos bandeirantes componentes da expedição de Fernão Dias pais. Uma neta do bandeirante, casou-se com Manoel Rodrigues Rabelo, que tornou-se um grande comerciante de escravos. Isso explica, na verdade, o porquê da grandiosa senzala existentes nos fundos da casa, hoje em ruínas.

Nos fundos dessa fazenda ficavam as dependências dos escravos, hoje em ruínas, Nelas se vê grandes paredes de pedras da casa dos escravos, o piso e as paredes são feitos de grandes blocos de pedras.

Esta fazenda é uma lembrança viva para os descendentes de escravos desta região onde se vê impregnado em suas paredes o poder do senhor de escravos.

A COMUNIDADE DO SAPÉ

O povoado do Sapé e perto do povoado de Marinhos.

Após a abolição dos escravos da fazenda dos Martins e região, estes vieram para o povoado do Sapé que, segundo os irmãos jardim (1982:40), “sob a liderança de um escravo chamado João Borges para viverem em comunidade, mas já como libertos”.

João Borges, segundo os mesmos autores, é de origem da “Fazenda do Carmo” e foi liberto no período da abolição, recebendo de seu senhor o Major Jacinto Gomes do Carmo, o território que vive a comunidade do Sapé, aderindo a este grupo, escravos libertos de fazendas vizinhas, mantendo assim os laços culturais, e os troncos raciais até a contemporaneidade.

O quilombo do Sapé não é proveniente de escravos fugitivos, esta comunidade formou após o período abolicionista recebendo o nome de quilombo por ser formado por pessoas negras de origem escravistas.

Localizado a 30 km da cidade de Brumadinho no distrito de São José do paraopeba, o Sapé guardou sua herança cultural, preservada e isolada, dos ataques de grandes cidades.

A comunidade do sapé mantém nos dias de hoje os traços culturais advindo de seus antepassados, tendo um grande e rico legado que se manteve numa comunidade que hoje tem aproximadamente 50 famílias. Segundo relato dos moradores, o sapé é de origem de João Borges, um antigo escravo da fazenda dos marinhos.

HISTÓRIA DO CONGADO

As manifestações festivas do sapé têm nome e dias marcados, são as tão famosas festas do congado ou congo e na guarda de Moçambique. Festas em comemoração a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. O Sapé está adentrado e representado pelas Guardas de Moçambique e o Congado.

O Congado tem seus pés na África, mas é tipicamente brasileiro é uma dança religiosa de 500 anos de História que foi se formando pelo Brasil afora, e cada congado tem identidade própria. Se compararmos o sapé com qualquer outro congado do Brasil perceberemos que o congado do Sapé é o único com traços, maneiras e passos ganhados ao longo de sua história.

Os congados têm suas identidades entranhadas no coração do Brasil. São protegidos por comunidades como os irmãos do Rosário, irmandades dos homens negros que mantêm vivo esta relíquia cultural brasileira.

Cada congado tem sua própria forma de ser dançado. Ao longo dos anos, os congadeiros, a partir da tradição e das raízes espirituais recebidas de suas irmandades, foram agregando elementos na dança do congado típico de suas comunidades.

O congado e a guarda de Moçambique do sapé é fruto de manifestações artísticas culturais de muita criatividade, beleza e fé, mas, principalmente dedicação, seriedade e compromisso de seus congadeiros.

O que observamos no Sapé, é que ele está sobre a base formada a partir de um tripé, destacando três elementos fundamentais: História, Identidade e Cultura. O congado remonta sua História nos povos bantos do continente africano.

Portanto, o sapé é marcado por uma identidade histórica própria de séculos, de história recheada de sofrimento, opressão e miséria de um povo que não abandonou sua fé.

A cada passo, a cada dança sua identidade cultural surge na história de sua comunidade, seus antepassados, as almas de seus escravos, os fundadores da irmandade, os reis, suas rainhas, seus capitães ancestrais falecidos são lembrados e reverenciados. A cada geração elementos novos são agregados, mas sempre fiéis aos seus ancestrais.

Alguns dos escravos vindos da África chegavam ao Brasil já cristianizados pelos padres jesuítas, pois assim que os portugueses chegaram no continente africano, o cristianismo passou a ser pregado.

SÃO BENEDITO

A devoção a São Benedito foi agregada pelos escravos brasileiros como santo de suas devoções, motivo este, advindo da história do próprio santo que era similar ao estilo de vida de escravos e negros alforriados.

São Benedito é conhecido também por “O Negro” ou “São Benedito, o Mouro” e santo reconhecido pela Igreja católica. O santo tem suas origens em famílias de escravos. Sua família era da Etiópia e ele nasceu na Sicília, mais precisamente no sul da Itália, por volta de 1526.

O padre Battisti em seu livro “santos e santas de Deus” (2006:20) fala-nos que:

Benedito, cognominado, “O Mouro”, ou “O Preto”, no Brasil nasceu na Sicília (...) vendeu seus bens e fez-se eremita franciscano nas vizinhanças de Palermo. Mais tarde, obedecendo a uma determinação do Papa Pio VI, obrigando todos os seguidores da regra de São Francisco a viverem em conventos de sua ordem, abandona o eremitério. No convento dedicou a trabalhos humildes. Chegou a exercer o cargo de superior, mesmo não sendo sacerdote, e mais tarde o vemos novamente trabalhando na cozinha. Morreu em 1589. Seu culto logo se espalhou pela Itália, Espanha, Portugal, Brasil e México. O papa Pio VIII inscreveu-o no rol dos santos.

No Brasil, São Benedito recebeu muitos seguidores entre os negros. E muitos congados carregam seu nome como o congado de São Benedito do Sapé.

PASSADO E PRESENTE NA ARTE CONTEMPORÂNEA DO INHOTIM

A cultura festiva do Sapé é contagiante e atraiu os olhos dos artistas contemporâneos John Ahearn e Rigoberto Torres, artistas que têm em seu histórico o hábito de retratar as culturas locais, interagindo nas comunidades, conhecendo seus habitantes, seus valores, crenças e gostos, sendo que o resultado de tal trabalho, pode ser observado na galeria praça do Inhotim, Centro de Arte Contemporânea localizado em Brumadinho MG. A Imagem a seguir e o mural que abordaremos.



O trabalho que fizeram no Instituto Cultural Inhotim encontra-se em uma parede na parte exterior da galeria praça, sendo um painel com dois tons de pintura de fundo, a parte inferior é de marrom terra e as partes superiores são amarelas rosadas com escritas que remontam cantigas históricas do congado.

O mural que se encontra à direita, intitula-se “Rodoviária de Brumadinho” (2005). Nesse trabalho os artistas representam a estação rodoviária de Brumadinho, mas, no nosso estudo, aprofundaremos mais no mural à esquerda onde o John e Rigoberto representaram em tamanhos naturais e realistas oito componentes do congado e seis dançarinos são do Sapé. Em trajés de dança em meio do seu ritual festivo, tal trabalho tem como título: “Abre a porta” (2006).

John Ahearn é de origem norte americana, nasceu em 1951, Nova York Binghamton. O seu companheiro, o Rigoberto Torres, é de Porto Rio de 1960 de Aguadilla.

John é bacharel pela escola de Arquitetura da Universidade de Cornell em Ithaca, Nova York, na sua formação, estudou pintura.

Rigoberto tem em seu curriculum a técnica de escultura de gesso, sendo que sua escola foi a formação passada através de seu tio que é proprietário de uma fábrica, que confecciona estátuas de santos.

No final da década de 70, Rigoberto e John começaram a produzir seus primeiros de muitos trabalhos juntos.

O cerne do trabalho destes artistas não é simplesmente suas esculturas mas sim o que ambos querem passar através de seu trabalho.

Segundo o pesquisador e historiador Tiago Batista Abrão em sua pesquisa intitulada: John Ahearn / Rigoberto Torres:

O trabalho de ambos é literalmente extraído da comunidade. Os moldes em gesso refletem diretamente o convívio dos artistas com o cotidiano das comunidades onde passaram (...) É uma forma de buscar um novo contexto para a produção artística (...) O trabalho da dupla é mais do que fazer esculturas e sim estreitar as relações entre a comunidade e a arte contemporânea, descentralizar o fazer do artista das galerias de arte e repassar o verdadeiro lugar do artista com a sociedade.

Os trabalhos destes artistas são verdadeira imersão das culturas locais, sendo seu trabalho a coluna dorsal de uma comunidade, onde tais elementos sempre passam despercebidos pelos demais olhares.



Conclusões Finais

Minha pesquisa esta em seu começo, Lembrando que as festas religiosas do Sapé começam a partir da primeira semana do mês de Maio, onde pretendo fazer uma pesquisa de campo, neste período, permanecendo inserido nesta comunidade para melhor compreensão deste legado histórico que o Sapé tem para oferecer. Pretendo falar da via sacra da Igreja do Sapé do dialogo entre Sapé e Marinheiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JARDIM, Décio Lima & JARDIM, Márcio Cunha. *Histórias e Riquezas do Município de Brumadinho*. Brumadinho, Prefeitura Municipal, 1982.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. *O Mistério do Ouro dos Mártires*. São Paulo, Gráfica Biblos Editora, 1960. p. 394.

LAFIT, Miran de Barros. *As Minas Gerais*. Belo Horizonte, Livraria Cultura Brasileira, s/d. p. 33

DONATO, Hernani. *O Caçador de Esmeraldas*. São Pulo, Circuito do Livro, s/d.

Nota de TANQUÍNIO, J.B. Oliveira, in: MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais*, 1837. Belo Horizonte, Arquivo Público Mineiro, em colaboração Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Imprensa Oficial, 1979. Vol I. p. 312.